

## **A RECEPÇÃO DE DANIEL NO SERMÃO PROFÉTICO DE JESUS**

*Valtair A. Miranda\**  
valtairmiranda@gmail.com

### **Resumo**

*Este artigo discute a forma como algumas passagens apocalípticas de Daniel foram lidas e atualizadas pelo movimento de Jesus nas últimas décadas do século I, intermediadas pelas pregações escatológicas de Jesus. Como resultado, um conjunto de perícopes e ditos foi organizado como o Sermão Profético em Mt 24,1-31, Mc 13,1-27, e Lc 21,6-36. Esta reflexão nos ajudará a compreender como textos religiosos são transmitidos e recebidos em novos contextos históricos por uma nova comunidade de leitores.*

**Palavras-chave:** *Sermão Profético de Jesus. Daniel e apocalíptica. Filho do Homem. História da Recepção.*

### **Abstract**

*This article discusses how some apocalyptic passages of Daniel were read and updated by the Jesus movement in the last decades of the first century, intermediated by the eschatological preaching of Jesus. As a result, a set of pericopes and sayings were organized as the Eschatological Discourse in Matthew 24:1-31, Mark 13:1-27, and Luke 21:6-36. This reflection will help us understand how religious texts are transmitted and received in new historical contexts by a new community of readers.*

**Keywords:** *Jesus' Eschatological Discourse; Daniel and apocaliptica; Son of the Man; Reception History.*

\* Graduado em Teologia (FTSA), Licenciado em História (UNIVERSO), Doutor em Ciências da Religião (UMESP) e Doutor em História (UFRJ). Leciona na Faculdade Batista do Rio de Janeiro.

## Introdução

O livro bíblico de Atos dos Apóstolos narra um curioso encontro entre Felipe, membro do movimento de Jesus, e um eunuco etíope, “alto oficial de Candace, rainha dos etíopes” (At 8,27). Ao ouvir que o viajante etíope lia uma passagem do profeta Isaías, Felipe lhe perguntou se ele a entendia. Na ajuda oferecida, o discípulo de Jesus promoveu uma interpretação vinculando as antigas passagens das Escrituras judaicas ao seu mestre recentemente crucificado em Jerusalém. Se levarmos em conta, entretanto, que a narrativa de Felipe e o eunuco foi produzida já na parte final do século primeiro, bem distante dos eventos que o autor de Atos se propôs a narrar, percebemos que estamos diante de várias camadas hermenêuticas. A passagem de Isaías (Is 53,7-8) descrita em At 8,33 tinha um significado no seu contexto fundante, recebeu outro significado na pregação dos discípulos de Jesus após sua crucificação, ganhou um terceiro na narrativa de Atos no final do século, e daí por diante, sucessivamente, a cada nova geração de leitores. Cada leitura dependia das interpretações anteriores, ao mesmo tempo em que preparava as compreensões subsequentes.

Este relato de Atos ilustra a forma como textos são apropriados diferentemente em novos contextos históricos. O professor Acosta Gómez definiu o fenômeno como “conhecimento, acolhida, adoção, incorporação, apropriação crítica do ato literário enquanto operações realizadas pelo leitor, ou como adaptação, assimilação ou incorporação de uma obra enquanto atividades levadas a cabo por outro escritor”<sup>1</sup>. Percebe-se, entretanto, que o estudo da recepção de textos não se preocupa apenas com a forma como novos autores usam obras antigas. O que subjaz a este tipo de análise é uma determinada perspectiva quanto ao ato do próprio consumo de textos (leitura, audição ou contemplação)<sup>2</sup>.

Especialmente a partir da década de 1960, os estudos de recepção passaram a dar uma atenção redobrada à parte final do eixo “produção-recepção”, principalmente a partir das contribuições do historiador da literatura Hans Robert Jauss<sup>3</sup>, que enfatizou três significativos elementos:

- 1) o caráter histórico de um texto não pode ser capturado por sua simples descrição ou apenas pelo exame de suas condições de produção;
- 2) é preciso atentar para a interação entre a produção e a recepção, uma espécie de diálogo entre autor e leitor, produtor e consumidor, artista e audiência;
- 3) este diálogo é mediado por um horizonte de expectativas, formado pelas experiências de vida, ou vivências, dos agentes tanto da produção quanto da re-

1. ACOSTA GÓMEZ, Luis A. *El lector y la obra: teoría de la recepción literaria*, p. 13.

2. Textos podem vir da oralidade ou do mundo literário; podendo ainda ser encontrados em artefatos da cultura material, como construções, esculturas e vasos de cerâmica. Cf. HARDWICK, Lorna. *Reception studies*, p. 4.

3. JAUSS, Hans Robert. *Toward an aesthetic of reception*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1982.

cepção. O significado de um texto não é “essencial”, ou inerente ao mesmo, mas é resultado da fusão dos horizontes de expectativas do autor, materializado no texto, e do leitor.

Neste sentido, textos fazem parte de um processo de comunicação composto pelo autor que emite os sinais, pela obra que carrega os sinais e porta uma mensagem, pelo leitor que recebe a informação, a interpreta, e reage de uma ou outra maneira<sup>4</sup>. Entende-se que o leitor constrói sentido ao acessar o texto com um horizonte de expectativas estéticas, que ele projeta sobre a obra, alterando a tradição de leitura e construindo uma nova para leitores posteriores. Já o autor, ele se encontrava inserido numa tradição, que lhe influenciou e condicionou a forma como escreveu.

Estudos de recepção entendem que textos possuem uma estrutura de sentido (quem escreve quer dizer algo), mas leva em conta o papel do leitor na construção do mesmo. Sem o leitor, a estrutura de signos do texto não passa de objetos puramente materiais, desprovidos de significado. Antes de chegar ao leitor, a obra é um “artefato”. Quando chega até o leitor, o “artefato” se converte em uma estrutura significativa, um “objeto estético”<sup>5</sup>.

Entre estes dois polos do processo (produção e recepção; escrita e consumo), a história da recepção dá uma relevância maior para o segundo, com foco nos efeitos e influências que um texto produz na sua audiência. E mesmo quando olha para a produção, dá um destaque especial para o papel do leitor idealizado pelo autor, que influenciou na construção do texto.

Nos termos da professora Lorna Hardwick, “os estudos de recepção estão preocupados com a investigação das rotas pelas quais os textos se movem e os modos culturais que moldam e filtram as maneiras pelas quais um texto é recebido”<sup>6</sup>. Com esta imagem das “rotas textuais” em mente, vamos nos mover agora entre dois polos. Do lado da produção, a parte propriamente apocalíptica de Daniel (Dn 7–12)<sup>7</sup>. Do lado da recepção, o conjunto de textos arrumados para configurar o Sermão Profético de Jesus (Mt 24,1-39, Mc 13,1-37, Lc 21,6-36). O que queremos entender é a maneira como os autores dos Evangelhos Sinóticos aplicaram as visões de Daniel às situações de suas comunidades religiosas. Esta reflexão nos ajuda a compreender os textos bíblicos no interior de largos

4. ACOSTA GÓMEZ, Luis A. *El lector y la obra: teoría de la recepción literaria*, p. 19.

5. ACOSTA GÓMEZ, Luis A. *El lector y la obra: teoría de la recepción literaria*, p. 22.

6. HARDWICK, Lorna. *Reception studies*, p. 4.

7. A narrativa de Daniel 2, conhecida como O Sonho de Nabucodonosor, possui uma íntima relação com a Visão dos Quatro Animais (Dn 7), mesmo sem possuir as características formais de um apocalipse. Cf. COLLINS, John J. Temporalidade e política na literatura apocalíptica judaica. In: *Oracula*, v. 1, n. 2, 2005, p. 8.

processos de comunicação, bem como a forma como as “palavras” se tornaram a “Palavra de Deus”.

### Os apocalipses de Daniel

O livro de Daniel é marcado por algumas anomalias, quando comparado com outras obras da Bíblia<sup>8</sup>.

- o testemunho de Josefo (Antiguidades 10.11.7) indica que ele foi considerado profeta na Antiguidade. Na LXX, ele foi incluído ao lado de outros profetas como Isaías, Jeremias e Ezequiel. Mesmo assim, na Bíblia hebraica, ele aparece na seção de Escritos como o quarto livro antes do final da Tanakh, seguido apenas da obra historiográfica cronista (Esdras, Neemias e Crônicas).
- a versão da LXX apresenta quatro passagens que não são encontradas na Bíblia hebraica: a oração de Azarias; o cântico dos três jovens; a narrativa de Susana; a narrativa de Bel e o Dragão. Estas seções foram preservadas no cânon da Igreja Católica, mas estão ausentes do cânon protestante.
- o livro apresenta dois idiomas. Dn 1,1–2,4a e 8–12 aparecem em hebraico; 2,4b–7,28 foi preservado em aramaico.
- a obra possui dois tipos de material formalmente distinto: capítulos 1–6, com narrativas da corte; os capítulos 7–12 são apocalipses de natureza histórica, o que faz de Daniel o único apocalipse da Bíblia hebraica.
- os assuntos dos dois grandes blocos de Daniel também são distintos. Enquanto na primeira parte da obra a grande questão é como um judeu poderia se adaptar na diáspora judaica, debaixo de poderes gentílicos, refletindo o desejo de crescer naquele mundo, a segunda parte se concentra em temas escatológicos que culminam na ressurreição dos mortos. Isto parece indicar que a seção de narrativas edificantes (Dn 1–6) nasceu numa conjuntura de diáspora judaica, enquanto a segunda parte (Dn 7–12) pertence ao contexto de perseguição religiosa de Antíoco Epífanes.

Apesar das visões (Dn 7–12) estarem todas relacionadas com as perseguições de Antíoco, elas surgiram separadamente. A mais antiga é a visão dos quatro animais de Dn 7, seguida pela visão do bode e do cabrito em Dn 8, a interpretação apocalíptica das setenta semanas em Dn 9, e, por fim, a grande revelação angelical em Dn 10–12. A conjuntura histórica de todas as visões pode ser situada entre a profanação do Templo em 167, e o período anterior à morte de Antíoco em 164 a.C.

8. Nossa apresentação de Daniel segue as conclusões de John J. Collins. Cf. COLLINS, John J. *Daniel: with an introduction to apocalyptic literature*. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1984.

O livro de Daniel prega a fidelidade à lei judaica mesmo em situação de morte. Mas o contexto desta fidelidade é diferente nas duas partes da obra. Na primeira parte, fidelidade debaixo do serviço a reis gentílicos; na segunda parte, fidelidade no confronto com poderes pagãos. Na primeira, há uma relação amistosa. Na segunda, entretanto, não há qualquer expectativa de reconciliação. Mesmo assim, não há promoção de militância ativa. A audiência de Daniel é convidada a resistir, mas não lutar. Por isso cada uma de suas visões apocalípticas termina com a certeza de que Deus intervirá na história para julgar os ímpios opressores e recompensar seus filhos oprimidos.

### **A Escatologia de Jesus**

João Batista veio imediatamente antes do surgimento de Jesus, com um ministério do tipo escatológico. Ele se via vivendo os dias que antecederiam o juízo de Deus. Sua missão era reunir através do batismo os que estivessem arrependidos para compor o povo escatológico de Deus, preservando-os, assim, da condenação do juízo final (Mc 1,1-8).

Muitos vinham até ele para serem batizados. Entre estes, em algum momento, esteve Jesus. Após um período de ministério conjunto difícil de ser definido pela escassez das fontes, cada profeta seguiu o seu caminho, apesar de suas mensagens apresentarem importantes paralelos. Como o Batista, Jesus convida para o arrependimento, frisando a urgência deste apelo, já que o julgamento de Deus está perto (Mt 4,17). Ambos rejeitam a esperança política de Israel diante dos pagãos. Se Israel não se arrependesse, seria igualmente condenado.

A mensagem de Jesus indicava que Deus estava para falar definitivamente. O fim estava chegando. É exatamente por isso que sua mensagem é urgente (Mt 10,23). Sua pregação é um evento escatológico. Esta ideia culmina na crença de que o mal ainda deve atingir um grau máximo antes que venha o fim dos dias. Os últimos dias seriam precedidos por uma grande crise, uma grande tribulação, onde a maldade alcançaria o ápice do seu poder. É neste sentido que cada expulsão de demônio operada por Jesus representa uma antecipação da vitória definitiva sobre o mal, a acontecer na era salvífica.

Para Jesus, o Reino de Deus era um fenômeno escatológico. Era um evento futuro, geralmente precedido do juízo de Deus. Mas, além de ser futuro, esse reino viria repentinamente. Apesar de esperar para um tempo breve a derradeira intervenção divina, havia a possibilidade de Deus encurtar ou alongar o tempo da angústia, por causa dos eleitos que clamam por Ele. De qualquer forma, quando a perseguição atingisse o clímax, o Filho do Homem apareceria em glória, com anjos, para trazer o julgamento de Deus e a vitória do seu povo.

Jesus demandou arrependimento diante de uma crise escatológica, e interpretou sua própria pessoa e ministério em termos de cumprimento da Escritura

judaica. Ele se apropriou, entre outros elementos, da extensa tradição judaica profética e apocalíptica, adaptando-a e remodelando-a também em função da maneira como encarou sua própria vida e missão.

Esta forma de Jesus interpretar sua vida e época, alimentada por elementos da apocalíptica judaica, acabou gerando uma igreja profundamente marcada também por elementos apocalípticos (At 3,19-21; Rm 13,11; 1Cor 16,22; Hb 10,37; Tg 5,8; 1Pd 4,17; Ap 22,20). É isso que parece no Sermão Profético dos Evangelhos Sinóticos, e em outros escritos da Igreja nascente do final do primeiro século depois de Cristo<sup>9</sup>.

### Daniel e Evangelhos Sinóticos

O Sermão Profético de Jesus está cheio de alusões e referências ao livro de Daniel, quase como um *midrash* daniélico. Nos termos do professor Vetne, ele é uma visão sobre o futuro “baseada numa certa leitura das profecias de Daniel, como seria natural e possível a judeus de mente apocalíptica do primeiro século”<sup>10</sup>.

Alguns indícios deste relacionamento podem ser encontrados, por exemplo, na definição das guerras como sinal do final dos tempos (Mt 24,4-8; Mc 13,5-8; Lc 21,8-11). Nestes versículos, surgem algumas a Daniel: “guerras e rumores de guerras”, “isto deve acontecer”, “não fique alarmado”, e “isto ainda não é o fim”. A presença da guerra nos apocalipses de Daniel é uma constante, que comumente contém a indicação de que “estas coisas devem acontecer” antes que venha o fim. É um senso de determinismo histórico típico da tradição apocalíptica. Mas tanto no Sermão Profético quanto em Daniel, a guerra não significa que o fim já chegou, mas que ele se aproxima. A expressão “ainda não é o fim” indica a perspectiva de conflitos que se darão sobre a terra até a intervenção escatológica de Deus.

Além da guerra, os Sinóticos mencionam perseguições (Mt 24,9-13; Mc 13,9-13; Lc 21,12-19) e uma grande tribulação (Mt 24,21-22; Mc 13,9-20), referências que também estão reelaborando Daniel. Os autores destes textos esperam pela intervenção de Deus na história para trazer salvação para os seus filhos e juízo para os adversários, mas antes que isto aconteça esperavam por dias difíceis. Estes dias seriam marcados pela chave hermenêutica das dores de parto, o que significa dizer que as dificuldades seriam intermitentes e crescentes. Os leitores entenderiam que os dias ficariam cada vez piores, até que se instaurasse a derradeira perseguição, ou a grande tribulação. Dn 12,1 fala de um tempo de angústia “qual nunca houve” na história. No v. 7 ele complementa que “quando se acabar

9. Cf. MIRANDA, Valtair A. Jesus e as tradições apocalípticas de Israel. In: *Estudos Bíblicos*, n. 99, 2008, p. 42-50.

10. VETNE, Reimar. *The influence and use of Daniel in the Synoptic Gospels*, p. 153. Nossa análise do Sermão Profético acompanha as observações de Vetne.

a destruição do poder do povo santo, estas coisas se cumprirão”. O objetivo de passagens como essa era indicar que quanto mais difícil fosse a opressão do povo de Deus, mais perto ele estaria de ser salvo. Quando este fenômeno aparece nos Sinóticos, em Marcos e Lucas, cortes reais e sinagogas estão envolvidas nas perseguições, os seguidores de Jesus receberiam ajuda divina para se defenderem dos perseguidores. Já em Mateus, a fonte de perseguição não é mencionada. Tanto Mateus quanto Daniel falam de uma grande perseguição, maior que qualquer outra na história.

De qualquer forma, além das alusões já mencionadas, as duas principais referências a Daniel no Sermão Profético são o Filho do Homem e a “abominação desoladora”. Os três sinóticos relatam que após uma grande tribulação na terra e eventos cataclísmicos no céu, a figura do Filho do Homem virá nas nuvens (Mt 24,27; Mc 13,26; Lc 21,27). Parece claro que estas passagens dos evangelhos elaboram a visão de Daniel 7, que fala do Filho do Homem que veio “com as nuvens do céu” até o Ancião de Dias para receber o “domínio, e glória, e o reino, para que os povos, nações e homens de todas as línguas o servissem; o seu domínio é domínio eterno, que não passará, e o seu reino jamais será destruído” (Dn 7,13-14).

Já a “abominação desoladora” surge em Mt 24,15 e Mc 13,14. A referência mais explícita é a de Mateus: “Quando, pois, virdes o abominável da desolação, de que falou o profeta Daniel, no lugar santo – quem lê entenda”. Aqui não há apenas uma alusão, mas uma orientação de leitura. Por meio da frase “quem lê, entenda”, o evangelista convoca os leitores a lerem o livro de Daniel. Dn 9,27, fala de alguém que virá sobre “as asas da abominação”. A mesma imagem é usada em Dn 11,31 e 12,11, mas a referência primária, em termos históricos e literários, é mesmo Dn 9, quando o autor apocalíptico descreve a profanação do Templo por Antíoco Epífanes.

Estas duas referências (Filho do Homem e abominação desoladora) parecem ser não apenas duas fortes alusões a Daniel, mas também o ponto de partida para a estruturação do Sermão Profético, como veremos a seguir.

### **Duas perguntas e duas respostas**

Os versículos de abertura (Mt 24,1-3; Mc 13,1-4; Lc 21,6-7) indicam que o Sermão Profético trata de dois assuntos distintos. Jesus acabara de passar pelo Templo com seus discípulos. Diante daquela estrutura tão sólida, os discípulos ouvem que não ficará dela “pedra sobre pedra”. Tudo seria derrubado. Eles andam um pouco mais, e ao chegar ao Monte das Oliveiras os ansiosos discípulos não se contêm e indagam Jesus sobre o cumprimento de suas palavras.

Na versão de Mateus, os discípulos fazem duas perguntas diferentes: quando estas coisas acontecerão (a destruição do Templo de Jerusalém); e quais seriam

os sinais da vinda do Senhor (a parousia)<sup>11</sup>. Em linhas gerais, então, Jesus faz uma profecia acerca da destruição do Templo, e os discípulos perguntam quando isso iria acontecer. Mas logo em seguida indagam também acerca da parousia (volta de Cristo). Em Lucas e Marcos, a pergunta é apenas sobre a destruição do Templo, mas a resposta de Jesus igualmente trata da parousia. De qualquer forma, o formato atual do sermão de Jesus parece indicar que pelo menos no tempo da produção dos evangelhos os evangelistas e as comunidades subjacentes aos evangelhos entendiam que a destruição do Templo e a parousia tinham alguma relação.

O exercício que tentaremos fazer, então, é separar os versículos vinculados à primeira questão dos discípulos, ou seja, a destruição do Templo, e aqueles ligados à segunda, relacionados com a volta de Jesus. Há pequenas divergências entre os evangelistas, mas em linhas gerais os sinóticos mantêm a mesma estrutura, como a tabela a seguir pode demonstrar<sup>12</sup>:

MATEUS 24	MARCOS 13	LUCAS 21
Questão A: Os discípulos perguntam sobre a destruição do Templo		
Versículos 2-3a	Versículos 2-4a	Versículos 6-7a
Questão B: Os discípulos perguntam sobre a parousia		
Versículo 3b	Versículo 4b	Versículo 7b
Resposta A – Jesus responde sobre a destruição do Templo		
Versículos 4-20	Versículos 5-18	Versículos 8-24
Resposta B – Jesus responde sobre a parousia		
Versículos 21-31	Versículos 19-27	Versículos 25-28
Ilustração A – Parábola sobre a destruição do Templo		
Versículos 32-35	Versículos 28-31	Versículos 29-33
Ilustração B – Dito sobre a parousia		
Versículos 36-39	Versículos 32-37	Versículos 34-36

### A abominação desoladora e a destruição do Templo

Os discípulos perguntaram pelo “quando” de “estas coisas” (*tauta*) acontecerem, e receberam como resposta uma série de sinais a respeito dos dias da

11. O termo parousia é usado nos estudos do Novo Testamento para se referir à volta de Jesus. Cf. NOCKE, Franz-Josef. *Escatologia*. Barcelona: Editorial Herder, 1984, p. 60-62.

12. A tabela foi adaptada de VETNE, Reimar. *The influence and use of Daniel in the Synoptic Gospels*, p. 192-195.



“abominação desoladora”. Como já argumentamos, a expressão aparece primeiramente em Dn 9. Nesta passagem, um anjo aparece a Daniel e promove uma revisão escatológica das setenta semanas de Jr 25,11-12 e 29,10. O quadro final é uma exegese de Jeremias (um *midrash*), na forma de esquematização apocalíptica. É neste contexto que os últimos eventos mencionados são a interrupção do culto sacrificial e a introdução da abominação desoladora no Templo de Jerusalém, uma referência à profanação do Templo feita pelo monarca helenista. O personagem principal da última semana é Antíoco Epífanes, chamado pelo anjo Gabriel de “desolador”. Isso indica que a visão deve ter sido escrita pouco depois destes eventos, no final de 167 ou início de 166. A função principal desta narrativa apocalíptica é garantir que a perseguição está para chegar ao fim, e por isso o relato faz uma revisão histórica que conclui com a certeza da libertação do povo de Deus, libertação esta já decretada nos planos divinos.

Esta passagem foi relida pelos evangelhos sinóticos como uma referência não mais à profanação anterior do Templo, mas à sua destruição nas mãos do general romano Tito no dia 10 de agosto de 70. Certamente não haveria uma abominação desoladora maior do que esta para Israel: ver a casa de Deus pegar fogo e seus lugares santos pisoteados por soldados impuros ainda manchados do sangue dos judeus que tentavam defendê-lo.

Os conflitos começaram formalmente no ano 66 quando Jerusalém se rebelou, sob a liderança de figuras aristocráticas da cidade em parceria com zelotes da Galiléia, e os sacrifícios diários pelo imperador foram interrompidos<sup>13</sup>. As forças romanas poderiam ter acabado rapidamente com a rebelião, mas as disputas sucessórias no Império Romano, com o fim do governo de Nero e a ascensão de Vespasiano, retardaram parcialmente a resolução. A guerra durou quatro anos, com atos de resistência ativos até 73. O cerco a Jerusalém durou de abril a agosto de 70.

Diante de uma abominação como essa, os relatos evangélicos orientavam que era melhor fugir e se esconder nas montanhas. É neste sentido que se pode ler os vários sinais: falsos cristos, guerras, fome, pestes, terremotos, tortura, escândalos, traição e apostasia. A série de indícios termina em Mt 24,14 com a orientação para se “pregar o Evangelho do Reino em todo o mundo e então virá o fim”, entendida por vários intérpretes durante a história como um vaticínio sobre a evangelização global antes da parousia. É significativo, entretanto, que ela se encontra precisamente antes da referência à abominação desoladora, e consequentemente esteja relacionada mais com a destruição do Templo. Isto significaria que o evangelista veria nela o alcance da mensagem de Jesus até o tempo da destruição de Jerusalém.

Após os sinais, então, finalmente chegaria a “abominação desoladora”. E neste momento, quem estivesse na Judeia deveria buscar a segurança dos montes,

13. Uma descrição da Guerra judaico-romana de 66-70 pode ser encontrada em REICKE, Bo. *História do tempo do Novo Testamento*. São Paulo: Paulus, 1996, p. 286-395.

e quem estivesse no telhado ou no campo, que ficasse por lá. Os sinóticos (como Daniel) defendem a fuga e não a luta contra os romanos. Por isso, aí das grávidas e das que tivessem filhos pequenos. Geralmente são as mulheres as mais prejudicadas em situação de conflito armado. A exposição da abominação desoladora termina na versão de Mt em 24,20 com a curiosa oração para que não aconteça no inverno nem no sábado, o que, de uma maneira geral, atrapalharia a fuga.

Elaine Pagels chamou os evangelhos sinóticos de “textos de guerra” porque foram escritos no fim da guerra ou pouco depois dela<sup>14</sup>. Esta professora da Universidade de Princeton se pergunta por que o movimento de Jesus não participou da guerra. Ela argumenta que eles “acreditavam, sim, que não havia propósito em lutar, porque os fatos catastróficos que se seguiram à crucificação eram sinais do fim – sinais de que o mundo inteiro ia ser despedaçado e transformado”<sup>15</sup>.

É num contexto como este que a recepção da abominação desoladora de Daniel faz todo o sentido. Os leitores destes textos ainda podiam se lembrar do fogo que consumiu Jerusalém, dos gritos dos degolados pela espada romana, dos muros destruídos. Para estes, a abominação desoladora acabara de acontecer, como Daniel escreveu, e Jesus alertou. Por isso, os evangelistas se lembram de uma parábola sobre como ler os tempos por meio das cores e dos frutos de uma figueira. É igualmente nesta conjunção que se pode ler a expressão “não passará esta geração sem que estas coisas aconteçam” (Mt 24,33; Mc 13,30; Lc 21,31). Que coisas? A abominação desoladora, ou seja, a destruição do Templo e de Jerusalém.

### **O Filho do Homem e o final dos tempos**

Retomando o quadro sinótico estruturado pelas duas perguntas dos discípulos, o final da seção sobre a destruição do Templo termina com uma alusão à abominação desoladora de Dn 9, e a partir daí o texto parece tratar da segunda questão, em que o foco não é mais uma guerra histórica, mas a intervenção do Filho do Homem de Dn 7 para trazer o fim do mundo.

O primeiro apocalipse de Daniel (Dn 7) apresenta quatro bestas que sobem do mar (representantes do caos e do abismo), indicações alegóricas de quatro reinos: Babilônia, Média, Pérsia e Grécia. O “pequeno chifre” com “boca que fala grandes coisas” (Dn 7,8) é Antíoco Epífanes, como implicado em 1Mc 1,24 (“ele fala com grande arrogância”). Dn 7,25, ao referir-se a mudanças de tempos e leis, parece ser alusão à supressão dos festivais religiosos (2Mc 6,6) e à proibição da leitura da Torah (1Mc 1,41-64).

Como esta visão foi preservada em Aramaico, e ainda serviu de base para a visão de Dn 8, ela é a mais antiga da seção visionária de Daniel, podendo ser da-

14. PAGELS, E. *As origens de satanás*, p. 28-29.

15. PAGELS, E. *As origens de satanás*, p. 30.

tada para o período anterior à profanação do Templo de Jerusalém em dezembro de 167. Sua função é de fato consolar e confortar os judeus perseguidos, e isso é feito pela apresentação do contexto espiritual onde a guerra é verdadeiramente travada e pela descrição do julgamento celestial que solucionará o conflito.

A perspectiva de que as perseguições de Dn 7 pertenceriam ao futuro parecia ser a forma como judeus liam Daniel no tempo de Jesus. Em Josefo (*Antiguidades* 10,210), 4Esdras (12,11-15), e escritos cristãos, como a Epístola de Barnabé (1,1-5), Irineu (*Contra as Heresias* 5,26) e Tertuliano (*Apologia* 32), essa era a forma mais comum de situar os próprios dias como os dias da quarta besta, e indicar que as perseguições (do pequeno chifre) pertenceriam ao futuro, às vezes perto, às vezes longe. Nestas apropriações, a última besta deixa de ser a Grécia (dos tempos de Antíoco Epífanes) e se torna Roma (dos dias de Jesus).

Em vez de usar referentes históricos precisos, como na seção de narrativas (Dn 1–6), a visão de Dn 7 descreve animais monstruosos; e ao apresentar os aliados celestiais, os relata ainda nos termos de antigas histórias orientais, como o Ancião que governa, e o Filho do Homem que o representa. Com isso, a visão transcende sua situação histórica concreta, e se torna facilmente transportada para novos contextos. As circunstâncias particulares do tempo de Antíoco Epífanes foram assimiladas em um relato simbólico, de tal forma que podem descrever situações diferentes na história<sup>16</sup>. O Sermão Profético identificou o Filho do Homem como Jesus, e muitos leitores desta visão a entenderam como uma descrição da vinda do messias.

Os autores dos Evangelhos Sinóticos tinham uma visão específica do futuro, com uma lista de eventos que deveriam acontecer. O Messias morreria e retornaria para o céu, Jerusalém cairia nas mãos dos romanos e finalmente, algum tempo depois, Jesus retornaria ao mundo como o Filho do Homem celestial para julgar os opressores.

Os eventos sobre a queda de Jerusalém foram particularmente inspirados na leitura de Dn 9, que os ajudou a encontrar um significado religioso na catástrofe de ver o Templo ser destruído pela segunda vez. É contra este pano de fundo que as guerras entre nações, decepções religiosas sobre o futuro, falsos messias e profetas, perseguição ao povo de Deus, encontravam sentido, como características contínuas da história, de forma crescente e intermitente, até que se cumprisse o julgamento escatológico de Dn 7.

Esta visão escatológica de Daniel foi provavelmente pregada pelo próprio Jesus, não em um momento específico do seu ministério, mas ao longo dele todo. Na conjuntura de produção dos evangelhos, entretanto, intimamente relacionados com os conflitos da guerra judaico-romana, as comunidades de Jesus tinham a convicção de que uma das profecias já tinha acontecido. Só faltava a outra. Ambas estavam relacionadas. Jesus estava para voltar, e isso não demoraria nem um

16. COLLINS, John J. *Daniel: with an introduction to apocalyptic literature*, p. 83.

pouco. Para ilustrar a parousia, entretanto, os evangelistas se lembraram dos dias de Noé (Mt 24,37). Eles mantinham a perspectiva de iminência da vinda do seu Senhor, mas entendiam que este dia seria repentino. Diante da abominação desoladora, o melhor era fugir para as montanhas. Diante da volta de Jesus, a única coisa a fazer era vigiar (Lc 21,36).

### Conclusão

Esta reflexão nos ajuda a entender que no momento em que uma comunidade de fé se detinha para ler as Escrituras, esta era apropriada-recebida de tal forma que novos sentidos poderiam ser construídos, geralmente em função das novas circunstâncias e demandas históricas. As narrativas apocalípticas de Daniel tinham determinadas funções no seu contexto vital, e receberam outras no tempo dos evangelhos sinóticos. O que poderia, num primeiro momento, ser considerado traição ao espírito do texto de Daniel, na prática, era uma demonstração de sua própria vitalidade.

Este processo não terminou no primeiro século. Pois desde então, a cada nova geração de leitores, novos significados são encontrados, para fazer o enfrentamento das novas abominações desoladoras que se manifestam na história de forma intermitente e contínua, enquanto as comunidades de crentes esperam pelo Filho do Homem.

Valtair A. Miranda  
valtairmiranda@gmail.com

### Bibliografia

- ACOSTA GÓMEZ, Luis A. *El lector y la obra: teoría de la recepción literária*. Madrid: Editorial Gredos, 1989.
- COLLINS, John J. *Daniel: with an introduction to apocalyptic literature*. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1984.
- COLLINS, John J. Temporalidade e política na literatura apocalíptica judaica. In: *Oracula*, v. 1, n. 2, 2005, p. 4-22.
- HARDWICK, Lorna. *Reception studies*. Oxford: Oxford University Press, 2003.
- PAGELS, Elaine. *As origens de satanás: um estudo sobre o poder que as forças irracionais exercem na sociedade moderna*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.
- MIRANDA, Valtair A. As estruturas apocalípticas de Israel. In: *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, n. 99, 2008, p. 42-50.
- NOCKE, Franz-Josef. *Escatologia*. Barcelona: Editorial Herder, 1984.
- REICKE, Bo. *História do tempo do Novo Testamento*. São Paulo: Paulus, 1996.
- VETNE, Reimar. *The influence and use of Daniel in the Synoptic Gospels*. Berrien Springs: Andrews University, 2011.